

Pix(o)ação – outros sentidos na/da escrita urbana¹

Priscila Matos Teles

Este trabalho busca compreender o funcionamento da produção de sentidos da prática urbana da pixação. Pauta-se, teórica e metodologicamente pela Análise de Discurso, sobretudo pelos estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. A leitura discursiva de nosso objeto de estudo – o pixo –, conduz-nos a trabalhar suas condições de produção e seu funcionamento, tomando a inscrição do sujeito (pixador) na história. Nosso referencial teórico leva-nos, pois, a pensar nos efeitos de sentidos da cidade e da língua no sujeito-pixador, e as relações desses efeitos com seus processos identitários e de autoria. Nesse sentido, torna-se fundamental trazer para a análise, os efeitos produzidos pela cidade de Brasília. Tanto os produzidos por sua singularidade, que rompe com o imaginário de cidade – especialmente se pensarmos em suas divisões e barreiras simbólicas e (in)visíveis –, quanto os produzidos pelo que caracteriza a cidade moderna: as diversas escritas, que fazem do corpo da cidade, o seu suporte. Neste trabalho, consideramos que tais escritas transitam entre o permitido – portanto, controlado – e o proibido, nosso objeto de estudo, o pixo, significado como vandalismo, tendo sua materialidade e historicidade apagadas. Nossa leitura e escrita, na perspectiva discursiva, guiam-se, pois, pelo deslocamento de nossa posição de leitor, de morador, de não-pixador, para uma posição – relativizada – de sujeito analista. Esse deslocamento, possibilita-nos perceber os mecanismos de produção do sentido único – pixação como vandalismo – que atravessam essa posição-sujeito. Possibilita, ainda, pensar na relação que o sujeito-pixador desenvolve com a língua, com a letra. Essa relação que se estabelece entre língua e sujeito, representa, para nós, a questão fundamental. Concluimos que é uma relação outra. É outra língua, outra letra, é uma não-forma, que se estrutura pela subversão. A sua criação, sua letra – que não pode ser lida pelos não-pixadores –, é, para ele, instrumento de convívio social, de autoria e de construção de sua identidade. Para essa posição-sujeito, a letra criada é a ferramenta que o insere no grupo – o pertencimento –, tão caro na fase da adolescência e juventude, período em que vivem a pixação com mais intensidade. Aquela letra que está rabiscada no muro, não é sujeira, é uma letra simbólica, que representa um sujeito que, ao escrever na cidade, inscreve-se e marca seu lugar como sujeito no seu grupo e na sociedade.

Palavras Chave: Pixação; sujeito; escrita urbana; Análise de Discurso.

¹ Resumo de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Católica de Brasília, no dia 19 de junho de 2013, sob orientação da Profª. Dra. Mariza Vieira da Silva.